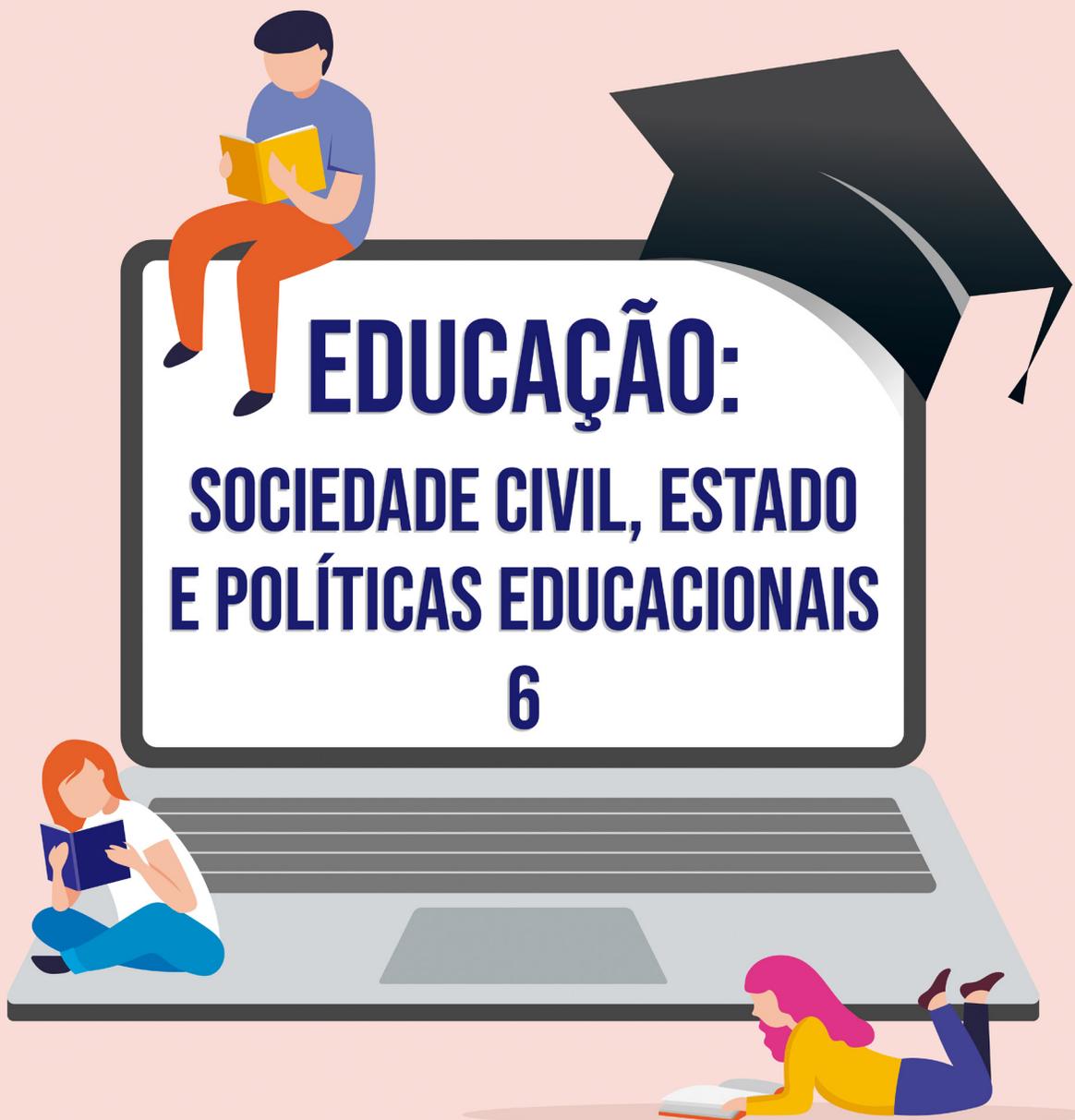


**Américo Junior Nunes da Silva
(Organizador)**



Atena
Editora
Ano 2021

**Américo Junior Nunes da Silva
(Organizador)**



**EDUCAÇÃO:
SOCIEDADE CIVIL, ESTADO
E POLÍTICAS EDUCACIONAIS
6**



Atena
Editora
Ano 2021

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2021 Os autores

Copyright da Edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena

Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido

Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília

Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás

Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão

Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Profª Drª Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina

Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília

Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina

Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra

Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras

Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria

Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia

Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco

Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará

Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí

Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas

Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará

Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá

Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados

Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino

Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora

Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto

Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás

Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná

Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás

Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abraão Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Profª Ma. Aline Ferreira Antunes – Universidade Federal de Goiás
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andreza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar

Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Me. Christopher Smith Bignardi Neves – Universidade Federal do Paraná
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof. Dr. Everaldo dos Santos Mendes – Instituto Edith Theresa Hedwing Stein
Prof. Me. Ezequiel Martins Ferreira – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Me. Fabiano Eloy Atílio Batista – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof. Me. Francisco Odécio Sales – Instituto Federal do Ceará
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFGA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis

Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Profª Ma. Luana Ferreira dos Santos – Universidade Estadual de Santa Cruz
Profª Ma. Luana Vieira Toledo – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Ma. Luma Sarai de Oliveira – Universidade Estadual de Campinas
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Me. Marcelo da Fonseca Ferreira da Silva – Governo do Estado do Espírito Santo
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Me. Pedro Panhoca da Silva – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Profª Drª Poliana Arruda Fajardo – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Renato Faria da Gama – Instituto Gama – Medicina Personalizada e Integrativa
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
Profª Ma. Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Vanessa Mottin de Oliveira Batista
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizador: Américo Junior Nunes da Silva

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

E24 Educação: sociedade civil, estado e políticas educacionais 6
/ Organizador Américo Junior Nunes da Silva. – Ponta
Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-776-5

DOI 10.22533/at.ed.765212701

1. Educação. I. Silva, Américo Junior Nunes da
(Organizador). II. Título.

CDD 370

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa.

APRESENTAÇÃO

Fomos surpreendidos em 2020 pela pandemia do novo coronavírus. Nesse entremeio de suspensão de atividades e de distanciamento social, fomos levados a repensar as nossas relações e a forma de ver o mundo. Mesmo em 2021 e com a recente aprovação do uso emergencial das vacinas no Brasil, seguimos um distanciamento permeado por angústias e incertezas: como será o mundo a partir de agora? Quais as implicações do contexto pandêmico para as questões sociais, sobretudo para a Educação no Brasil? Que políticas públicas são e serão pensadas a partir de agora em nosso país?

E é nesse lugar histórico de busca de respostas para as inúmeras problemáticas postas nesse período que estão os autores e autoras que compõe esse livro. Sabemos, partindo do que nos apresentaram Silva, Nery e Nogueira (2020, p. 100), que as circunstâncias do contexto pandêmico são propícias e oportunas para construção de reflexões sobre os diversos “aspectos relativos à fragilidade humana e ao seu processo de ser e estar no mundo, que perpassam por questões culturais, educacionais, históricas, ideológicas e políticas”. Essa pandemia, ainda segundo os autores, fez emergir uma infinidade de problemas sociais, necessitando assim, de constantes lutas pelo cumprimento dos direitos de todos.

Esse movimento sistemático de olhar para as diversas problemáticas postas na contemporaneidade, faz desencadear o que o que Santos (2020, p. 10) chamou de “[...] claridade pandêmica”, que é quando um aspecto da crise faz emergir outros problemas, como os relacionados à sociedade civil, ao Estado e as políticas públicas, por exemplo. É esse, ainda segundo o autor, um momento catalisador de mudanças sociais. Direcionar e ampliar o olhar em busca de soluções para os inúmeros problemas postos pela contemporaneidade, portanto, é um desafio, aceito por muitas professoras e professores pesquisadores brasileiros, como os compõe esse livro.

Destarte, as discussões empreendidas nesta obra, “**Educação: Sociedade Civil, Estado e Políticas Educacionais**”, por terem a Educação como foco, como o próprio título sugere, torna-se um espaço oportuno de discussões e (re)pensar da Educação, considerando os diversos elementos e fatores que a inter cruzam. Reúne-se aqui, portanto, um conjunto de textos originados de autores e autoras de diferentes estados brasileiros e países.

Os autores e autoras que constroem essa obra são estudantes, professoras e professores pesquisadores, especialistas, mestres, mestras, doutores ou doutoras que, muitos, partindo de sua práxis, buscam novos olhares a problemáticas cotidianas que os mobilizam. Esse movimento de socializar uma pesquisa ou experiência cria um movimento pendular que, pela mobilização dos autores/autoras e discussões por eles e elas empreendidas, mobilizam-se também os leitores/leitoras e os incentiva a reinventarem

os seus fazeres pedagógicos e, conseqüentemente, a educação brasileira. Nessa direção, portanto, desejamos a todos e todas uma instigante e provocativa leitura!

Américo Junior Nunes da Silva

REFERÊNCIAS

SILVA, A. J. N. DA; NERY, ÉRICA S. S.; NOGUEIRA, C. A. Formação, tecnologia e inclusão: o professor que ensina matemática no “novo normal”. **Plurais Revista Multidisciplinar**, v. 5, n. 2, p. 97-118, 18 ago. 2020.

SANTOS, B. S. **A cruel pedagogia do vírus**. Coimbra: Almedina, 2020.

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

APONTAMENTOS E PRIMEIRAS APROXIMAÇÕES SOBRE O NEOLIBERALISMO NA EDUCAÇÃO PÚBLICA: DA EXPERIÊNCIA PESSOAL AO CHAMAMENTO PÚBLICO

Marcelo Noriega Pires

DOI 10.22533/at.ed.7652127011

CAPÍTULO 2..... 12

A POLÍTICA HIGIENISTA E A FORMAÇÃO DOS “CORPOS DÓCEIS” A PARTIR DO AMBIENTE ESCOLAR

Márcia Maria de Medeiros

Mariane da Silva Costa

Luiz Alberto Ruiz da Silva

DOI 10.22533/at.ed.7652127012

CAPÍTULO 3..... 21

CONTRIBUIÇÕES DO PROGRAMA DE RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA PARA ALUNOS DO CURSO DE PEDAGOGIA

Bruna Gonçalo do Nascimento

Francisca Valquiria Alves Dias

Hallyson Pontes Liberato Dias

Juliana Barbosa Silva

Lyanna Lourdes Lima Leal

Maria Marina Dias Cavalcante

DOI 10.22533/at.ed.7652127013

CAPÍTULO 4..... 25

LA MIRADA DE LA COMPLEJIDAD EN LAS INTERVENCIONES PROFESIONALES

Mónica De Nicola

María Elena Aradas Díaz

Julieta Lázzari

Adhemar Pascuale

Anabela Farias

Blas Aseguinolaza

DOI 10.22533/at.ed.7652127014

CAPÍTULO 5..... 38

CONTEXTO, DESAFIOS E PERSPECTIVAS DAS TEORIAS E PRÁTICAS DE ENSINO E APRENDIZAGEM APLICADAS À EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA

Stênio Severino da Silva

Adriana Regina Vettorazzi Schmitt

Jacinta Lucia Rizzi Marcom

Paulo Roberto Dalla Valle

Solange Janete Finger

Fernanda Corrêa Garcia

DOI 10.22533/at.ed.7652127015

CAPÍTULO 6	49
A LITERATURA E O DESVELAMENTO DO COTIDIANO ESCOLAR: A PARTIR DO OLHAR DA MULHER DE CORPO NEGRO	
Luiz Carlos de Sá Campos	
DOI 10.22533/at.ed.7652127016	
CAPÍTULO 7	59
SENTIDO DE LA ESCUELA DESDE LAS EXPERIENCIAS EN EL BACHILLERATO RELATOS DE VIDA DE LOS ESTUDIANTES	
Diego Fernando Acevedo León	
Nohora Elisabeth Alfonso Bernal	
DOI 10.22533/at.ed.7652127017	
CAPÍTULO 8	72
ESCOLA PARQUE ANÍSIO TEIXEIRA DE CEILÂNDIA: PROJETO INOVADOR PARA OS FILHOS DA CLASSE TRABALHADORA	
Edna Mara Corrêa Miranda	
Mayrla Pereira Sena Cordeiro	
DOI 10.22533/at.ed.7652127018	
CAPÍTULO 9	84
REAL-LIFE-LIKE TEACHING IN INFORMATION AND COMMUNICATIONS TECHNOLOGIES (ICT) WITHIN THE EUROPEAN HIGHER EDUCATION AREA (EHEA)	
Mabel Pontón	
Amparo Herrera	
Franco Ramírez	
Almudena Suárez	
DOI 10.22533/at.ed.7652127019	
CAPÍTULO 10	98
ANÁLISE DA CONTRIBUIÇÃO DOS PROFESSORES PARA A ELABORAÇÃO DA BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR (BNCC)	
Maria Cecília Fonçatti	
Andressa Florcena	
DOI 10.22533/at.ed.76521270110	
CAPÍTULO 11	107
DESAFIOS DA GESTÃO DEMOCRÁTICA: EM CENA O PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO E O CONSELHO DE CLASSE PARTICIPATIVO	
Lidnei Ventura	
Roselaine Ripa	
Gustavo José Assunção de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.76521270111	
CAPÍTULO 12	117
EXERCÍCIOS DE LEITURA E DE ESCRITA: CHEGAR ÀS PRÓPRIAS PALAVRAS	

ATRAVESSANDO O TEXTO DE FILOSOFIA COM IMAGENS

Paula Ramos de Oliveira
Edileia Pereira dos Santos
Denis Domeneghetti Badia

DOI 10.22533/at.ed.76521270112

CAPÍTULO 13..... 124

DOMINÓ DO CONHECIMENTO: VIOLAÇÃO DE DIREITOS

Antonio Pancrácio de Souza
Flaviane Ramos Marins

DOI 10.22533/at.ed.76521270113

CAPÍTULO 14..... 133

MALA VIAJANTE: UMA EXPERIÊNCIA LEITORA A SER CONTADA

Aline Bezerra Martins
Bruna Gonçalo do Nascimento
Francisco Gomes de Souza
Talita Sâmela Silva de Oliveira Barroso
Viviane Fernandes Lima
Maria Marina Dias Cavalcante

DOI 10.22533/at.ed.76521270114

CAPÍTULO 15..... 138

DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM DOS ALUNOS DA EDUCAÇÃO DO CAMPO NA DISCIPLINA DE FÍSICA

Sandro Aparecido dos Santos
Franciele Cristiane de Oliveira Costa Alves da Luz

DOI 10.22533/at.ed.76521270115

CAPÍTULO 16..... 145

ESPERANÇAR COM O ROCK: PROCESSOS EDUCATIVOS NA PRÁTICA SOCIAL DO ROCK ENTRE MÚSICOS DA CIDADE DE SÃO CARLOS

Mariel Perez Pino
Ilza Zenker Leme Joly

DOI 10.22533/at.ed.76521270116

CAPÍTULO 17..... 156

LA ORIENTACIÓN POST UNIVERSITARIA COMO HERRAMIENTA VEHICULAR PARA LA INSERCIÓN LABORAL

Ruth Garcia Llave

DOI 10.22533/at.ed.76521270117

CAPÍTULO 18..... 163

REFLEXÕES ACERCA DA PRÁTICA DOCENTE NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO 1 E 2 EM EDUCAÇÃO FÍSICA

Wagner Alexandre Pereira da Silva
Reginaldo de Lima Santos
Artur Felipe de Souza Lins

Marco Antonio Chalita

DOI 10.22533/at.ed.76521270118

CAPÍTULO 19..... 172

JUST IN TIME TEACHING: PRÁTICA PEDAGÓGICA A SER IMPLEMENTADA NO
PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM DE CÁLCULO DIFERENCIAL E INTEGRAL

Renato Hallal

Nilcéia Aparecida Maciel Pinheiro

DOI 10.22533/at.ed.76521270119

CAPÍTULO 20..... 180

LOS PROCESOS COGNITIVOS EN LA ENSEÑANZA Y LA INVESTIGACIÓN
INTERDISCIPLINARIA. EL CASO DE ESTUDIANTES DE POSGRADO EN MÉXICO

Gustavo Adolfo León Duarte

Fernanda Esqueda Villegas

DOI 10.22533/at.ed.76521270120

CAPÍTULO 21..... 192

UMA EXPERIÊNCIA ACADÊMICA COMO MONITOR DA DISCIPLINA DE
TERMODINÂMICA

Vitória Ricardo da Rocha

Ramon de Lima Vila Nova

DOI 10.22533/at.ed.76521270121

SOBRE O ORGANIZADOR..... 195

ÍNDICE REMISSIVO..... 196

CAPÍTULO 7

SENTIDO DE LA ESCUELA DESDE LAS EXPERIENCIAS EN EL BACHILLERATO RELATOS DE VIDA DE LOS ESTUDIANTES

Data de aceite: 25/01/2021

Diego Fernando Acevedo León

Docente de la Secretaría de Educación de Boyacá (Colombia). Investigador Grupo para la Animación Cultural (Muisuata). Universidad Pedagógica y Tecnológica de Colombia

Nohora Elisabeth Alfonso Bernal

Jefe del Departamento de Educación Posgraduada de la Universidad Pedagógica y Tecnológica de Colombia. Directora del Grupo de Investigación para la Animación Cultural (Muisuata)

Ponencia presentada en el V Congreso Internacional de Investigación y Pedagogía. Escuela Maestro y Estudio. Perspectivas Contemporáneas de la Educación y la Pedagogía en el Bicentenario de la Independencia. Octubre 7-11 de 2019. Tunja, Boyacá, Colombia.

RESUMEN: Este trabajo fue realizado para comprender el sentido de la escuela asociado a las experiencias que viven los estudiantes a lo largo de sus trayectorias escolares en el bachillerato, como una forma de comprensión de fenómenos educativos en la educación básica y media o secundaria, fenómenos que abarcan la deserción, la reprobación, el abandono y otros tantos. Esta investigación fue realizada en una institución educativa pública en el Departamento de Boyacá (Colombia), a través de 42 relatos de vida de estudiantes de los grados 6° a 11. De esta manera se reconocen experiencias que propician sentidos o sinsentidos escolares.

Dichas experiencias se despliegan como sentidos aglutinados en torno a las relaciones escolares, las emociones y las vivencias propias de la juventud. Se percibe un ambiente positivo de la escuela a través de los procesos de socialización escolar con maestros y entre estudiantes, pero también se describen escenarios de incomodidad, desánimo y aburrimiento frente al escenario escolar, suscitados por una escuela que resulta rutinaria, aburrida y tediosa, y que conduce al sinsentido, lo que se manifiesta en una alta reprobación y deserción; a lo que se suman situaciones de maltrato e intimidación, o muchas veces una temprana inserción en la vida laboral o en pareja, propiciada por situaciones como la pobreza, en donde las actividades escolares no alcanzan un sentido existencial que garantice razones para su permanencia.

PALABRAS CLAVE: Experiencias escolares, relaciones escolares, vivencias juveniles, emociones escolares.

MEANING OF THE SCHOOL FROM THE SCHOOL EXPERIENCES IN HIGH SCHOOL LIFE STORIES OF STUDENTS

ABSTRACT: This research was carried out to understand the meaning of the school associated to the experiences that students live throughout their school paths in high school, as a way of understanding the educational phenomena in basic and middle or secondary education, phenomena that include desertion, failing, dropping out of the school and many others. This research was carried out in a public educational institution in the Department of Boyacá (Colombia), through 42 life stories of

students from grades 6 to 11. In this way, experiences that promote school meanings or nonsense are recognized. These experiences unfold as meanings agglutinated around school relationships, feelings and youth experiences. A positive school environment is perceived through the school socialization processes with teachers and among students, but scenarios of discomfort, discouragement and boredom are also described, related to the educational setting, caused by a school that is boring and tedious, and that leads to nonsense, which is manifested in high failing and desertion. There are also situations of abuse and intimidation, or often an early insertion into work or marriage, caused by conditions like poverty, where school activities do not reach an existential meaning that guarantees reasons for their permanence.

KEYWORDS: School experiences, school relationships, youth experiences, school feelings.

1 | INTRODUCCIÓN

El sentido de la escuela se convierte en una preocupación de la escuela secundaria en general debido a los niveles de reprobación y deserción que se presentan en Colombia, y en específico en el departamento de Boyacá. La investigación se plantea con el ánimo de identificar la multiplicidad de experiencias escolares narradas por los estudiantes a partir del enfoque biográfico, en el que se consolidan en una primera fase 42 relatos de vida de estudiantes de grado 6° a 11°. Una segunda fase comprende otros relatos de estudiantes en condiciones de alto impacto de pobreza y vulnerabilidad.

Este trabajo articula su contenido en tres partes fundamentales. En la *primera parte* se mencionan las relaciones escolares como espacios de encuentro y socialización, que incluso abarcan el medio físico (Rivera, 1995). En dichos espacios, se descubre el significado de algunos lugares específicos de la escuela, que además se transforman, se afianzan o se desvirtúan en un proceso gradual durante la vida escolar (Leo y Cortés, 2017). En esta multiplicidad de relaciones escolares surgen tres categorías: la primera en torno a las relaciones interpersonales fruto de la interacción escolar, como son aquellas entre compañeros, maestros o directivos, y como lo afirma Ardiles (2014), en medio de dificultades o fortalezas, conflictos o alegrías. La segunda categoría tiene que ver con las actividades académicas escolares, interpretadas como una carga o una oportunidad, o de manera más contundente como rutina y sinsentido (Sánchez, 2008). La última categoría tiene que ver con los sentidos de los estudiantes de origen rural, que describen grandes dificultades en la consolidación de sus expectativas escolares y menores oportunidades laborales (Jurado y Tobasura, 2012).

En la *segunda parte* se describen experiencias a partir de vivencias juveniles en torno a la escuela, dichas percepciones emergen desde los sentidos en Locke, Hume y en la fenomenología de Husserl (Fischl, 2000). Desde las vivencias escolares subjetivas se plantean tres perspectivas: la primera tiene que ver con las vivencias de estudiantes muy bajos o altos de estatura, o aquellos estudiantes que perciben diferente la escuela, o se sienten discriminados o burlados, como es mencionado en los trabajos de Alegre, Benito y González (2012). Una segunda mirada a la escuela se da a través de las mujeres

adolescentes en perspectiva de género como lo evidencian los aportes de Valls (2011) y Vite (2018), en donde se reconocen realidades de desigualdad y maltrato en escenarios escolares, familiares y sociales. Por último, está la perspectiva de la escuela desde el influjo de la industrialización y la tecnología, elementos de gran impacto en la escuela actual, con múltiples avances y usos. Sin embargo, estos también se imponen como factores de entretenimiento y de distracción, que pueden propiciar actitudes sedentarias, desplegando nuevas comprensiones de la escuela y del estudiante, como lo reconocen Chaparro y Guzmán (2013).

En la tercera parte las experiencias se expresan mediante diversas emociones frente a la escuela, que dejan ver la esperanza o desesperanza, como lo mencionan Flores y Gómez (2010), emociones que pueden agruparse en tres manifestaciones: afectividad-amistad, que da gran sentido a lo escolar desde “la construcción de la personalidad; la identidad y la moda, como expresiones emocionales del estilo juvenil”(Sánchez, 2008, p. 99); y por último, las diversas emociones que generan la autoridad y la normatividad escolar, lo cual es descrito por Skliar y Larrosa (2009).

2 | METODOLOGÍA

Esta investigación privilegia el enfoque cualitativo porque hace “énfasis en las cualidades de los entes y en los procesos de significados que no pueden examinarse o medirse experimentalmente” (Denzin y Lincoln, 2012, p. 62). Esta es determinante para poder reconocer como los estudiantes, desde sus vivencias, configuran el sentido de la escolaridad. El tipo de investigación es el biográfico, desde las narrativas de los estudiantes, donde “emerge como una potente herramienta, (...) para entrar en el mundo de la identidad, de los significados, del saber práctico y de las claves cotidianas presentes en los procesos de interrelación, identificación y reconstrucción personal y cultural”. (Aceves 1994 y 2001), Citado en Bolívar y Domingo, 2006, p.3). Los relatos aparecen como referentes frente a las experiencias escolares, y permiten a su vez ser comparados en otras latitudes y desde otras experiencias; siendo importante la “búsqueda de contrastación y de contextualización de la memoria expresada oralmente por un sujeto a iniciativa del investigador social” (Pujadas, 2000, p. 138), donde la comprensión de lo escolar se apropia como un fenómeno de consolidación de sentidos. Para Alfonso (2014) se justifica la investigación cualitativa, desde los relatos de vida porque “los fenómenos estudiados tratan de comprender desde las personas mismas, (...) y dan cuenta de la relación entre los datos y lo que los sujetos hacen y dicen”. (p.149).

Así, la unidad de análisis la constituyen adolescentes estudiantes de una institución educativa pública del municipio de Nobsa Boyacá, (Colombia), que vale la pena mencionar, ha perdido por deserción a más de 100 estudiantes en los últimos 4 años. Esta institución se encuentra en jornada única desde 2016, como parte de la prueba piloto del Ministerio de

Educación Nacional en trece instituciones públicas de Boyacá, trabajo que se justifica para comprender la disminución de matrícula año por año en el departamento.

La unidad de trabajo inicial se consolida desde el primer taller colectivo de memoria, con un grupo de 92 estudiantes, de grado sexto a once, y los relatos de 14 exalumnos desertores. Finalmente, para el segundo taller de memoria se sistematizan y analizan 42 relatos, con 5 relatos de exalumnos desertores.

3 | EL SENTIDO DE LA ESCUELA COMO EXPERIENCIA DESDE LOS RELATOS DE VIDA EN ESTUDIANTES DE BACHILLERATO EN BOYACÁ (COLOMBIA)

Las experiencias escolares se interpretan a partir de todo aquello que sucede a diario en la escuela y que incide en la vida de los estudiantes; que se configura como experiencia (s) algunas valiosas y buenas y otras no tanto. Así la escuela se concibe como escenario múltiple de experiencias, que no se abordan en su totalidad en este trabajo, solo se esbozan algunas como reconocimiento de los sentidos escolares en el bachillerato. Otro elemento para comprender la experiencia escolar es la edad de los estudiantes, que viven la adolescencia como tensión del niño al adulto. La experiencia escolar aparece como “lógica acontecimental, expuesta espontáneamente por el actor, en la cual la vida aparece jalonada por una serie de sucesos marcantes” (Di Leo, *et al.* 2013, p. 135). Se pueden identificar los siguientes elementos para configurar la experiencia escolar: “el trabajo escolar, las relaciones interpersonales maestros-estudiantes, las formas de relación entre estudiantes, tamaños o estatura, géneros, afectividad, autenticidad, normas, resultados escolares, conformismo, moda, autoaceptación, amistad, rechazo o aceptación de un destino”. (Dubet y Martucelli, 1998, pp. 187-202).

4 | RELACIONES ESCOLARES

Los estudiantes establecen una serie de relaciones con su entorno escolar como “relación individuo medio” (Rivera, 1995, p. 124). Una relación que se extiende en el tiempo de manera gradual, “la escuela recibe muchas significaciones subjetivas, que mejor que dicha experiencia sea desde la voz de los mismos estudiantes” (Leo y Cortés, 2017, p. 11). Estas percepciones pueden ser ideales-irreales, otras preliminares-iniciales, otras, repetitivas-cotidianas. En el caso de los primeros días de escuela “la ansiedad por separación” también se ha observado en la escolarización por vez primera:

Mis cinco primeros años en el colegio fueron los más difíciles de mi vida, me la pasaba sola al descanso no tenía amigas, sufrí bullying, me robaban las onces, me pegaban, me encerraban en el baño. Mi infancia en la primaria fue lo más duro, mi mamá luego se dio cuenta qué me pasaba, pero tenía que seguir estudiando, no quería, pero ella me decía: “debes prepararte, salir adelante, no te quedes como tu papá, que no terminó ni la primaria”. (Estudiante grado 11).

Los niños evitan al maestro, lloran y se agarran a sus madres” (Bados, 2005, p. 2), experiencias que acompañan a la escuela desde muy temprana edad, hasta la consolidación de experiencias posteriores.

4.1 Relaciones Interpersonales en la Escuela

En el escenario escolar, como espacio de socialización, las primeras relaciones se dan entre maestros y estudiantes por la práctica de enseñanza- aprendizaje “en la escuela profesores y alumnos conviven en un tiempo prolongado, lo cual permite que se generen múltiples experiencias” (Ardiles, 2014, p. 48). Estas relaciones pueden ser frías al comienzo pues “buena parte de los alumnos recién llegados viven con relativa perplejidad inicial el juego de relaciones alumnos-profesores” (Alegre, *et al.*, 2012, p. 146). Los y las estudiantes lo expresan de la siguiente manera:

En décimo (...) tuve muchos problemas en el colegio, momentos malos y buenos, hasta noveno me iba bien, aunque indisciplinado, era muy responsable con mis compromisos académicos, En décimo (...) escogí la especialidad técnica más por mis amigos que por gusto, este fue mi peor año, me volví muy vago, irrespetuoso con los profesores, fui muy irresponsable, tuve solos problemas, no entraba a clases no me importaba estudiar, perdí el año. (Estudiante grado 11°).

La mejor vida es la vida con mis amigos en el colegio, la pasamos muy bien, es muy divertido. (Estudiante grado 6°).

Me gusta mi colegio, las zonas verdes, los espacios para compartir son lo mejor. Lástima que no siempre lo valoremos y lo cuidemos, no deberíamos botar basura ni rayar las paredes, sentirnos orgullosos del colegio tan lindo que tenemos. (Estudiante grado 8°).

4.2 Actividades Académicas Escolares

La escuela implica necesariamente trabajo, que aparece como realidad intrínseca de la misma. Se proyecta como ruta que orienta hacia la construcción de aprendizajes, de ahí que los estudiantes establezcan diversas relaciones escolares como consecuencia de las actividades académicas escolares, asumidas como una carga que conduce a sinsentidos o como una posibilidad de aprendizajes y desarrollos académicos. Las perspectivas positivas o negativas de la escuela, pueden generar diferentes visiones sobre los jóvenes, pues muchas veces “en términos morales se juzga a las actividades desarrolladas por los jóvenes y al mismo tiempo se reprueba crudamente su actitud despreocupada y poco comprometida” (Sánchez, 2008, p. 98). Las actividades escolares se producen y suceden todos los días, lo cual puede convertirse en un hábito adquirido por repetición o una rutina que agobia y cansa. Esto es expresado por los estudiantes:

En las tareas me va siempre bien, aprendo muchas cosas. (Estudiante grado 8°).

Nos dejan muchos trabajos todos los días y algunos muy difíciles que al otro día los profesores no revisan o no siempre valoran nuestro esfuerzo. (Estudiante grado 10°).

Me retiré del colegio, estaba cansado de hacer trabajos, de escribir todos los días. Ahora trabajo cerca al colegio, mientras mis compañeros estudian, yo me la gano (dinero) trabajando. (Estudiante grado 9°).

4.3 Sentido Escolar para Estudiantes Rurales

Las relaciones escolares, en el caso de estudiantes provenientes de entornos rurales, permiten reconocer grados de afectación escolar atribuidos a los contextos, a partir de la precaria infraestructura educativa, o de la dificultad para continuar estudios de bachillerato pues las sedes principales de las instituciones son distantes, lo que requiere mayores esfuerzos y más costos por su desplazamiento. Vale la pena tener en cuenta que “el 85 % de las personas que viven en el campo colombiano son pobres, esto acentúa problemáticas sociales muy fuertes, como exclusión y falta de oportunidades” (Jurado y Tobasura, 2012, pp. 64-65). En el caso concreto de Boyacá, los estudios refieren a los jóvenes de entornos rurales como “carentes, ignorantes y vulnerables, proclives a la vinculación a grupos terroristas, (...), o a la migración campo-ciudad. (...) se identifican como jóvenes problemáticos a los que es necesario focalizar, normalizar o controlar.” (López, 2010, p. 192).

Mi familia me ha dado un apoyo especial desde que era pequeña, yo vivía en el campo, ahora vivo en la ciudad. En el campo sufrí mucho en la escuela, casi no aprendí nada, estaba en cuarto y no sabía ni leer, pero pasando a la ciudad se sufre por lo que no había aprendido, pues ya en quinto y sin leer siquiera. (Estudiante de grado 8°).

Yo les ayudaba a mis abuelos en las labores del campo, bien temprano y cuando llegaba del colegio, ahora en la ciudad todo es más fácil. (Estudiante grado 7°).

Allá en la escuela de la vereda casi no había profesora, cuando llegaba nos dictaba mucho, lo bueno era que el descanso era como de una hora y alcanzábamos a jugar dos partidos. (Estudiante grado 9°).

5 | VIVENCIAS DE LA ESCUELA EN EL BACHILLERATO

Una segunda concepción de experiencias escolares, surge como percepción inicial producida a través de los sentidos humanos, desde las aproximaciones de Locke, Hume, Brentano y Husserl presentadas en Fischl (2000). Es así como la opción directa de conocer, parte de la experiencia sensitiva, cómo esta es captada y cómo se construye en sí una

vivencia experiencial. Así el sentido sería la forma en que se percibe la realidad, cómo es vivenciada y qué representa para los sujetos, que puede ser una “afección, como emoción, como aflicción, o comprenderse como una opinión.” (Ferrater, 2009, p. 3241).

El colegio me saca de los problemas familiares, (la peleadera, los problemas económicos, muchas cosas malas), me lleva a mis amigos por la música y la moda, eso es lo mejor. (Estudiante grado 11).

5.1 La Estatura como Vivencia Escolar

Inicialmente se podría pensar que una característica física es un dato menor o insignificante, sin embargo, las experiencias narradas por los estudiantes a este respecto, dejan ver que el ser muy alto (a) o muy bajo (a), es una condición determinante, por ejemplo, para “el alumnado de nueva incorporación que ocupa posiciones escolares de mayor vulnerabilidad (a causa de estigmatización y discriminación)” (Alegre *et al.*, 2012, p. 150). Sobre este asunto los estudiantes expresan sus vivencias:

Mi niñez fue un poco complicada, sufría un poco de bullying por mi baja estatura, recuerdo que mi madre me llevaba en el descanso mi refrigerio, yo me la pasaba llorando para que me sacara y ella me dejaba en el colegio y se iba, me parecía cruel. Tuve mucho apoyo de mi profesora, siendo sincera ella fue el pilar para seguir. (Estudiante grado 11).

No es que sea muy bueno ser el más alto del curso “me dicen entre más grande más bobo”, entre varios me pegan todo el tiempo, eso me cansa, quisiera cambiarme de colegio y empezar una vida más tranquila. (Estudiante 9°).

Enana es mi mala suerte, al principio me gustaba que me dijeran chiqui, pero ahora me doy cuenta que no es tan bueno, todavía creen que estoy en primaria y yo me siento ya en bachillerato. (Estudiante grado 7°).

5.2 Vivencias de mujeres estudiantes en el bachillerato

Esta experiencia se orienta desde el principio de igualdad de la escuela para hombres y mujeres, aunque en la práctica se presentan dificultades diferentes para unas y otros. Inicialmente las diferencias de género se inscriben desde los contextos familiares y sociales, “la vida rural crea desigualdad de género hacia las mujeres y su ocupación laboral, condiciones muy difíciles para ellas” (Valls, 2011, p. 106), pero también en contextos urbanos “que reproduce una desigualdad de acuerdo con los atributos sociales que se les confieren al hombre y a la mujer (Urteaga, 2010, p. 42), desigualdad enfatizada igualmente en Vite, (2018), y que se refleja en los relatos de vida

Mis hermanas y yo estudiábamos en una escuela lejana de mi casa, aunque estuviera lloviendo, haciendo frío o calor, siempre teníamos que ir. No era por obligación sino porque nosotros queríamos seguir luchando por nuestros

estudios para salir adelante y ayudarle a nuestros padres, para que ellos dejaran de trabajar, para que no se acabaran más la salud. En el campo la vida es muy dura y para las mujeres sí que más, pues si me quedo sin estudiar me toca ser cocinera y ver animales, eso no me gusta. (Estudiante grado 8°).

A mi papá no le gusta que estudiemos mi hermana y yo, porque dice eso para qué, lo que no sabe es que queremos ser profesionales, solo que lo haremos sin su ayuda. (Estudiante grado 9°).

En el colegio a las niñas nos toca más duro, tenemos que defendernos de muchas cosas y cuidarnos. Hay muchos irrespetuosos y groseros por ahí. En la casa ni se diga, ayudamos con todos los oficios, en cambio mis hermanos no lavan ni un plato, es mejor ser hombre. (Estudiante grado 8°).

5.3 Industrialización y Tecnología como Vivencia Escolar

Actualmente, la escuela ha transformado su percepción, en gran medida debido al influjo de la tecnología que facilitó el acceso a la información y que transformó el aprendizaje. Los dispositivos de uso masivo centraron la atención en la información, los juegos y demás pasatiempos. Los estudiantes al hacer parte de esta nueva era, de una escuela permeada por la tecnología, han sido llamados “nativos digitales (...) referido a estudiantes en la sociedad de la información, (...) por el uso generalizado de computadores, videojuegos, reproductores digitales de música, videocámaras, teléfonos celulares (...) y esto ha afectado los procesos escolares.” (Chaparro y Guzmán, 2013, p. 232).

Me alegro haber nacido en esa época por el face y WhatsApp, ahí se pasa uno las tareas o en internet encuentra uno todo para hacer los trabajos, para entretenerse y no aburrirse. ¿Qué sería de mi vida sin fase?, terriblemente aburrida (Estudiante grado 9°).

En el colegio los que no tenemos celular alquilamos uno por 500 pesos 30 minutos, nos la pasamos jugando porque a veces me aburro y lo hago por desestresarme (Estudiante 7°).

Por otra parte, el colegio se ubica en el corredor industrial de Boyacá, lo cual genera que, en múltiples circunstancias como el rendimiento escolar bajo, la reprobación lleve a los estudiantes a emprender búsquedas laborales tempranas:

Si pierdo otra vez el año me voy a trabajar a la empresa, allá trabajan mis primos y algunos vecinos. (Estudiante grado 9°).

A veces creo que no nací para estudiar, me esfuerzo y no me va bien, me voy es a trabajar en lo que salga y poder ayudar mejor a mi familia. (Estudiante grado 8°).

6 I EMOCIONES ESCOLARES

Estrechamente ligadas a los sentidos están las emociones, como las formas de generar apegos o rechazos hacia una realidad. En los años de primaria se hacen evidentes “sentimientos de esperanza o desesperanza” (Flores y Gómez, 2010, p.3) unos buenos y otros no tanto, de miedo e inseguridad de desprenderse de la familia, de soledad y tristeza al adaptarse a un nuevo mundo, la escuela, los maestros y sus compañeros. Lo claro es que “los niños son considerados más vulnerables que los adultos, por eso se intenta protegerlos de experiencias negativas que la escolaridad conlleva para ellos.” (Szulc, 2015, p. 243). Sobre esas vivencias en la escuela reconocidas en Gaither y Pimienta (2017), los estudiantes expresan:

Siento nostalgia recordando las amistades, la alegría del descanso, los juegos, las risas compartidas con amigos, todos esos recuerdos que quedan grabados en el corazón de un pequeño, pero también hay recuerdos negativos, había días en los que se formaban peleas por un balón o simplemente por una palabra negativa hacia otros, cuanto extrañaré esto. (Estudiante grado 11).

Me dice mi mamá que siempre que me dejaba en el colegio en preescolar lloraba todos los días. (Estudiante grado 8°).

6.1 Los Amigos y el Noviazgo en la Escuela

Las experiencias emocionales en la escuela se asocian al periodo de la vida por el que transitan los adolescentes, que van desde la consolidación de la amistad y las relaciones afectivas al interior del escenario escolar, desde donde algunos consolidan sentidos muy fuertes y otros sinsentidos, a partir de conflictos de convivencia y rupturas amorosas. Así la escuela alcanza un componente afectivo emocional muy amplio, relaciones de amistad o de noviazgo que emprenden los estudiantes en sus vidas académicas:

Yo vivo solo, mis padres viven en otra ciudad, la verdad vivo con mi abuela de quien lo único que recibo es humillaciones y me echa en cara lo que me da, yo creo que a ella la incomoda con mi presencia, pero por ahora solo me queda aguantar. Hacia el mes de julio nos enteramos que íbamos a ser papás, y ahí sí que empezaron los problemas con mi abuela y con la familia de mi novia que también está en once, solo quiero terminar mi bachillerato y trabajar en lo que me salga. (Estudiante grado 11).

Lo mejor son los amigos y las novias del colegio, uno está muy conectado con ellos y esas novias del colegio hacen que sea una etapa inolvidable. (Estudiante grado 10°).

Al principio fue un noviazgo bonito, nos encontrábamos en el colegio, estábamos en el descanso, hasta que terminamos y de ahí en adelante se dañó todo, me ofendía, escribía letreros en los baños, hablaba mal de mí, por eso llegué a este colegio, no me aguantaba tanta persecución y maltrato. (Estudiante grado 9°).

6.2 Vida Juvenil Escolar

En medio de la escuela se presenta el proceso de autenticidad de los estudiantes, sus formas juveniles y la expresión de sus sentimientos. En este sentido, hay que “reconocer la juventud como un colectivo con sus propias modas, preferencias, atuendos, valores, normas y símbolos que definen un grupo homogéneo en cuanto a alternativas culturales, sistema de significados, modos de expresión y estilos de vida” (Sánchez, 2008, p. 99).

Me gusta mucho bailar, jugar microfútbol, reír, compartir con las personas de mi alrededor. Pero, así como me gustan algunas cosas, otras no, como la jornada única, el recargo de tareas de un día para otro, no me gusta, no me gusta la gente doble (Estudiante grado 11).

Somos 6 amigas, nos contamos todo, hicimos un pacto donde nadie cuenta nada de lo que sabe de sus amigas (Estudiante grado 8°).

Una vez tomando con los compas, dijimos el que quiera ser del parche debe usar piercing y un tatuaje que solo llevamos nosotros. Me he dado cuenta que son las personas con las que siempre he contado y con los que contaré más adelante (Estudiante grado 10°).

6.3 Autoridad y Normas, Rechazo o Aceptación

La experiencia desde el sentimiento y su relación con las normas de la escuela, esa experiencia “como eso que me pasa” (Skliar & Larrosa, 2009, p. 14), sucede de manera accidental o consciente y enfrenta a los estudiantes con la autoridad de los directivos y los maestros, y con las normas ya sea en su cumplimiento o en su transgresión.

En la institución tuve problemas dificultades, inconvenientes con algunos profesores, porque en algunos momentos me llamaron la atención, me colocaron malas calificaciones, o simplemente porque no me caían bien. Pero detrás de todos esto, son nuestros profesores quienes a lo largo de nuestra formación académica nos brindan sus conocimientos y valores con el fin de hacer de nosotros mejores personas, quienes con cada regaño quieren que reflexionemos sobre lo que estamos haciendo mal, cuando no respetamos las normas. (Estudiante grado 11).

No me regañan en mi casa, ahora si me voy a dejar gritar de los profes, eso es lo que más me ofende, a veces molestan por cosas muy simples. (Estudiante grado 8°).

Los profesores quieren lo mejor para nosotros, por eso debemos dejarnos corregir, eso nos va a servir para nuestras vidas. (Estudiantes grado 7°).

7 | CONCLUSIONES

- Las relaciones escolares aparecen como experiencias subjetivas. Sin embargo, inciden de manera directa en los sentidos escolares, y de manera negativa cuando las relaciones maestro-estudiante o estudiante-estudiante se convierten en formas de exclusión o agresión para los estudiantes. Por otra parte, se propician sentidos valiosos cuando hay buenas relaciones con los maestros, directivos y entre los estudiantes.
- Las experiencias en torno a las actividades, muchas veces denotan sinsentidos escolares, lo que muestra una escuela tediosa y aburrida para un gran número de estudiantes, siendo esta una de las principales causas de reprobación y de deserción escolar actualmente.
- Los ambientes rurales son poco propicios para reconocer la escolaridad como una vivencia valiosa. En el campo las posibilidades de realización académica disminuyen de manera dramática debido, entre otras cosas, a la pobreza, a la desigualdad de género y a la búsqueda de una pareja y a la inserción laboral en edad temprana. De esta manera, resulta difícil la continuidad de trayectorias escolares completas.
- Las vivencias juveniles muestran las experiencias subjetivas de la escolaridad. Los estudiantes de baja o alta estatura, o las mujeres, reconocen maltrato y ofensa sistemática, que configuran pérdidas de sentido del escenario escolar, y conducen a enfrentar la escuela como un camino de exclusión; situación que le urge atender a las instituciones formativas.
- El impacto de la tecnología hace que la escuela se transforme, en sus prácticas, proyecciones y fines educativos. Necesita ser atrayente para unos destinatarios que dirigen hoy sus miradas hacia las pantallas como nuevos escenarios de aprendizaje.
- En cuanto al impacto de la industrialización, la ubicación de la institución en medio de un gran número de empresas, desencadena abandonos tempranos en estudiantes de bajo rendimiento escolar y/o reprobación, que ven en estos lugares posibilidades laborales tempranas para ayudar en la economía familiar o ser independientes.
- Un sentido importante de la escuela desde lo emocional, se construye a partir de la amistad y la afectividad, que resultan imprescindibles en la vida de los adolescentes en el bachillerato.
- La vida juvenil reclama al escenario escolar mayor reconocimiento y atención, lo cual permite a los estudiantes una mejor orientación para sus vidas, una adecuada pertinencia de saberes, y un mayor crecimiento personal y de perspectiva profesional.

- La autoridad en la escuela se reconoce, por un lado, no como una norma impuesta sino como un reconocimiento de referentes y de orientaciones éticas y ciudadanas. Por otro lado, y como proceso formativo, se rechaza el maltrato, los llamados de atención fuertes, aunque provengan de la autoridad escolar, y se reclaman otras formas de corrección que aporten a la formación humana y cívica de los estudiantes.

REFERENCIAS

Alegre, M., Benito, R., y González Motos, S. (2012). Experiencias escolares iniciales del alumnado inmigrado: comienzos que marcan. (U. A. Barcelona, Ed.) *Educación XX1*, 137-158.

Alfonso, N. (2014). "Representaciones sociales y prácticas investigativas en educación. *Tesis Doctoral*. Universidad del Cauca, Universidad Pedagógica y Tecnológica de Colombia y Universidad Tecnológica de Pereira.

Ardiles, M. (Enero-julio de 2014). Experiencias formativas en la escuela secundaria. Entre el control y la novedad en las acciones evaluativas. (U. d. Pampa, Ed.) *Praxis educativa*, XVIII(1), 42-49.

Bados López, A. (2005). *Trastorno de ansiedad por separación. Rechazo escolar y fobia escolar*. Barcelona España: Universitat de Barcelona Departament de personalitat, avaluació i Tractament Psicològics.

Bolívar, A., y Domingo, J. (2006). La investigación biográfica y narrativa en Iberoamérica. Campos de desarrollo y estado actual (112 párrafos). *Forum: Qualitative Social Research*, VII(4), s.p.

Chaparro-Hurtado, H. R., y Guzmán Ariza, C. M. (2013). Consumo digital de jóvenes escolarizados en Villavicencio, Colombia. *Educación y Educadores*, XVI(2), 229-243.

Denzin, N., y Lincoln, Y. (2012). *El campo de la investigación cualitativa. Manual de investigación cualitativa*. Barcelona: Gedisa.

Di Leo, P. F., Camarotti, A. C., Gúelman, M., y Touris, C. M. (2013). Mirando la sociedad a escala del individuo: el análisis de procesos de individuación en jóvenes utilizando relatos. *Athenea Digital*, 131-145.

Dubet, D., y Martuccelli, F. (1998). *En la escuela. Sociología de la experiencia escolar*. (1ª Edición). Madrid España: Editorial Losada.

Ferrater M, J. (2009). *Diccionario de Filosofía*. (Segunda ed., Vol. IV). Barcelona: Ariel.

Fischl, J. (2000). *Manual de historia de la filosofía. Cuarta edición*. (Cuarta ed.). Madrid, España: Editorial Herder.

Flores Macias, R. y Gómez Bastida, J. (2010). Un estudio sobre la motivación hacia la escuela secundaria en estudiantes mexicanos. *Revista Electrónica de Investigación Educativa*, XII(1), 1-21.

Gaither Jiménez, L. E., y Pimienta Prieto, J. H. (2017). Descripción de los estilos de vida y factores de riesgo en niños y adolescentes de Tamaulipas. *Revista Panamericana de Pedagogía Saberes y quehaceres del pedagogo.*, XXIV, 171-191.

Jurado, C., y Tobasura, I. (2012.). Dilema de la juventud en territorios rurales de Colombia: ¿campo o ciudad? *Revista de ciencias sociales, niñez y juventud.*, X(1), 63-77.

Leo, P. L., y Cortés Camarillo, G. (2017). *Educación rural en Yucatán: Experiencias escolares en una escuela indígena.* (U. J. Guadalajara, Ed.) Obtenido de <https://sinectica.iteso.mx/index.php/SINECTICA/article/view/721>

López López, A. J. (2010). Perentoria social y moratoria social rural: aproximaciones a la comprensión de juventud rural. *Universitas Humanística Colombia.*, 187-203.

Pujadas, J. J. (2000). El método biográfico y los géneros de la memoria. *Revista de Antropología Social.*, IX, 127-158.

Rivera, C. (1995). ¿COMO SE DA LA PERCEPCION DE LA ESCUELA EN LOS AOLESCENTES? Una propuesta teórica. *Educación*, IV(8), 121-137.

Sánchez Mendoza, V. (2008). Análisis bibliométrico de la literatura reciente publicada en Colombia sobre los jóvenes. *Umbral Científico*, XIII, 97-107.

Skliar, C., y Larrosa, J. C. (2009). *Experiencia y alteridad en educación.* Rosario Argentina: Homo sapiens ediciones.

Szulc, A. (2015). Concepciones de niñez e identidad en las experiencias escolares de niños mapuche del Neuquén. (P. U. Perú, Ed.) *Anthropológica*, XXXIII(35), 235-253.

Valls Fonayet, F. (2011). Las pobrezas de las juventudes: análisis de las formas elementales de pobreza juvenil en España. *EMPIRIA. Revista de Metodología de Ciencias Sociales.* , XXI, 97-120.

Vite Pérez, M. Á. (2018). Género, vulnerabilidad y precariedad de los jóvenes de la Ciudad de México en la reproducción de la desigualdad social. *Espiral estudios sobre Estado y Sociedad.*, XXV(71), 193-224.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Aplicability 84

B

BNCC 2, 5, 10, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 136, 164, 165, 168

C

Cálculo diferencial e integral 172, 173, 176, 178, 179

Classe trabalhadora 9, 16, 43, 47, 72, 73, 74, 76, 79, 80, 81

Competition 84

Consumption 26

Cotidiano escolar 49, 53, 114, 132

D

Desigualdade social 49, 73

Dificuldades de aprendizagem 137, 138, 141, 142, 144

Direitos infanto-juvenis 124

Distribution 26, 87, 93

Docente 59, 106, 132, 161, 162, 163

Doença 12, 16

E

Educação 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 14, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 24, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 53, 57, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 113, 114, 115, 116, 117, 122, 123, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 150, 152, 155, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 177, 179, 181, 195

Educação do campo 138, 139, 140, 142, 143, 144

Educação em saúde 12, 14, 19

Educação física 76, 77, 80, 163, 164, 165, 166, 167, 168

Educação profissional e tecnológica 38, 39, 42, 43, 44, 48

Educação sanitária 12, 14, 19

Educación 20, 37, 59, 62, 70, 71, 162, 179, 180, 184, 190, 191

Emociones escolares 59, 67

Empreendedorismo 1, 2, 3, 4, 5, 7, 8, 9, 10

Ensino médio 1, 3, 4, 5, 9, 11, 44, 50, 57, 102, 103, 105, 106, 138, 139, 141, 142

Ensino público 1, 4, 10, 11, 44
Escola Parque Anísio Teixeira 72, 73, 76, 80, 81, 82
Escrita 17, 53, 74, 117, 118, 119, 120, 122, 133, 134, 135, 136, 137, 141, 154
Estágio supervisionado 163, 165
Exercício 15, 40, 42, 46, 54, 80, 100, 102, 113, 117, 118, 119, 120, 122, 136, 176
Experiência acadêmica 192
Experiências 2, 22, 23, 48, 79, 80, 107, 108, 109, 113, 134, 163, 165, 166, 168
Experiencias escolares 59, 60, 61, 62, 64, 70, 71

F

Filosofia 49, 58, 74, 83, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 195
Física 16, 28, 53, 65, 76, 77, 80, 124, 127, 138, 139, 141, 142, 143, 144, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 174
Food 26
Formação inicial 21, 22, 23, 144

G

Gestão democrática 107, 108, 112, 114, 115
Grêmio estudantil 107, 111, 113, 115

I

Imagens 117, 119
Inovação 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 80, 81, 82, 83
Interdisciplina 180, 181, 182, 183, 184, 186, 187, 188, 189, 190, 191
Investigación 59, 60, 61, 70, 97, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 188, 189, 190, 191

J

Just in time teaching 172, 173, 174, 175, 178, 179

L

Leitura 54, 110, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 133, 134, 135, 136, 137, 141, 142, 165, 175, 176
Literatura 6, 7, 49, 50, 51, 53, 54, 57, 58, 71, 77, 129, 134, 173, 182, 183
Lúdico 124, 129, 130

M

Metodologia ativa 172, 173, 174, 178
México 71, 180, 181, 183, 184

Michel Foucault 12, 15
Modernidade 38, 39, 43, 44, 45, 47, 48, 49, 75
Monitoria 192, 193, 194
Motivation 84, 85, 86, 96

N

Neoliberalismo 1, 2, 5, 6, 11

P

Pedagogia crítica 38
Posgrado 180, 183, 184, 185, 190, 191
Práticas sociais 145, 147
Problematização 1, 2, 3, 4, 7, 9, 53, 134, 175
Processing 26
Processos educativos 45, 145, 147, 148, 149, 151, 152, 153, 154
Production 26, 72, 96
Projeto 1, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 21, 23, 72, 73, 76, 77, 79, 80, 81, 82, 100, 103, 107, 108, 109, 110, 115, 125, 131, 132, 133, 134, 135, 136
Projeto pedagógico 76, 107, 108, 110

R

Rede de proteção 124, 127, 131
Relaciones escolares 59, 60, 62, 63, 64, 69
Residência pedagógica 21, 22, 23, 133, 134, 136, 137
Rock 145, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154

S

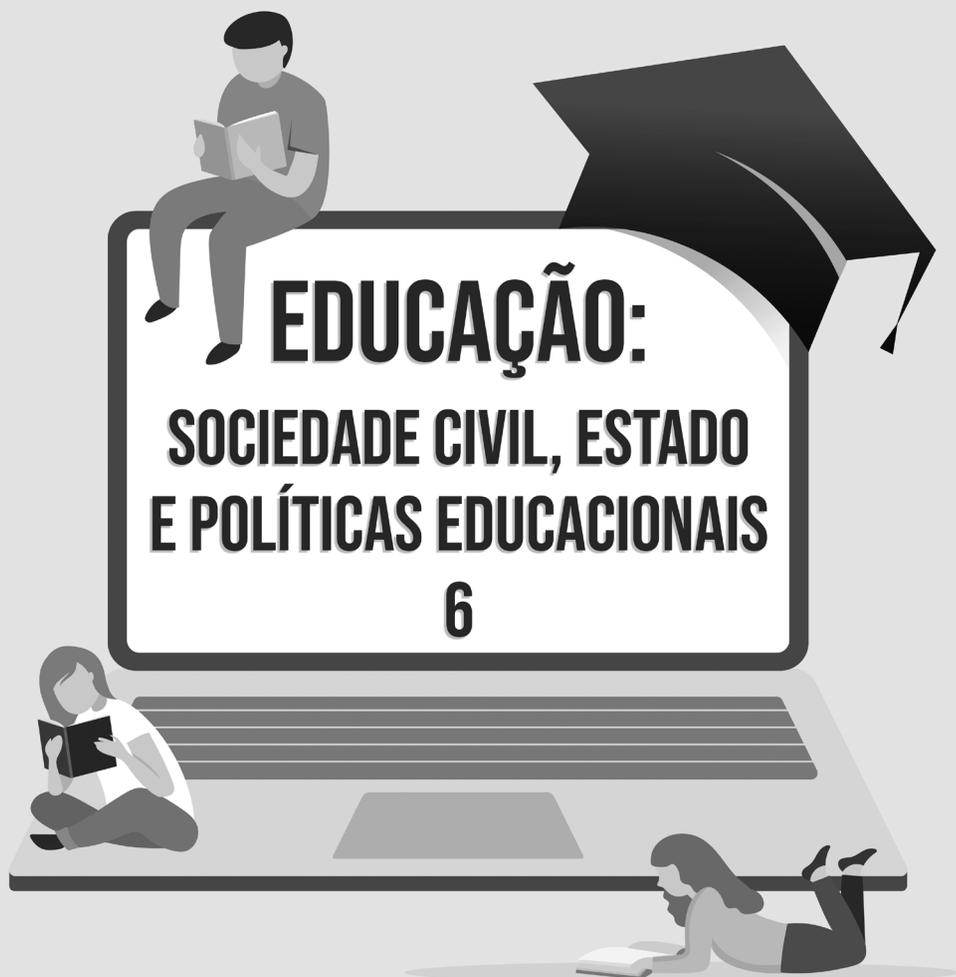
Saúde 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 40, 46, 124, 125, 126, 131, 132, 140
Simposium 84

T

Teorias de ensino e aprendizagem 38
Termodinâmica 192, 193, 194
Trabalho e educação 38, 48

V

Vivencias juveniles 59, 60, 69



www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 


Ano 2021



www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

@atenaeditora 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 


Ano 2021